



sceptro dos reis é o coração dos povos; antes depol-o, do que governar contra a vontade populaa.»

Registramos estas palavras preferidas por el-rei no banquete dado em sua honra pela illustre vereação

mu-
nicipal
d'es-
taci-

dade, porque são a mais solemne e a mais eloquente afirmação dos sentimentos do augusto monarcha portuguez. Quando meia duzia de transviados procuram insinuar no espirito do povo idéas dissolventes, aquella declaração constitue, perante os homens que pensam desapaixonadamente, uma solemne profissão de fé politica.

O rei de Portugal preferiria depôr o sceptro que tão honradamente empunha, se o abandonasse a confiança popular; o seu espirito, d'uma orientação perfeitamente moderna, diz-lhe que não ha monarchia possível, quando os povos, inspirados por um outro ideal, se revoltam contra ella.

Mas — e francamente o podemos dizer — o throno portuguez tem fundas raizes no coração do povo; pôde o rei de Portugal passear livremente pelas cida-

des e villas do paiz, que terá por cortejo d'honra as aclamações de toda a gente.

E isso viu-se agora, e todavia é certo que uma politica mais ambiciosa do que defensora dos interesses da patria, procurava indispôr o povo contra o rei, promovendo conflictos que tenderiam a perturbar a

paz, se os homens de bom juizo não conseguissem suffocal-os. Essa politica de ambições desmedidas, foi direito ao fim que se propunha, inventando fomes e carestias de viveres para açular o povo, que vive nas espheras inferiores, contra os que o nascimento e o destino collocaram nas pontas culminantes do mundo social.

—Tributam o milho, diziam, para que o povo morra de fome, e elles vivem regaladamente, na fartura.

O povo, que é simples, porque é ignorante, acredita a mentira e insurgiuse, mas quando reconheceu que estava servindo de instrumento a manejos desleaes, tirou tambem a sua desforra.

E o rei, n'esse momento de perturbação, sai do seu pa-

lacio, e percorre o paiz, sendo em toda a parte victoriado com um enthusiasmo expontaneo.

Propalam-se boatos, mais ou menos sinistros, affirmações revolucionarias, Marats empunhando os archo-



tes da revolta, Robespierres pedindo sangue, um sapateiro Simão preparando-se para arrancar dos braços da rainha os filhos estremeceados; dizia-se mais que por entre os chapéus armados, barretes phrigios poriam uma nota sanguinea de protesto, e que o povo, em hora de indignação, seria um novo Courbet, demolindo a columna da monarchia.

Tudo se disse, e tudo se espalhou, e a familia real, ameaçada de morte, é recebida com um entusiasmo enorme em todos os pontos do paiz, e o Porto, no dizer d'elles, a cidade onde mais impetuosamente se despenha a corrente democratica, veste-se de galas e saúda n'um jubilo expontaneo e sincero os réis que o visitam.

O paiz affirmou-se monarchico, e em face de affirmações tão eloquentes, as tentativas feitas pelos republicanos portuguezes serão infructiferas, e produzirão certamente o effeito contrario.

Francamente, a hora ultima das monarchias não souo ainda, e para a nossa, que tão gloriosamente representa brilhantes tradições de muitos seculos, não soará tão cedo, podem crel-o. Quando os reis, como os nossos, desempenham tão honradamente a sua missão, a alma popular pulsa por elles, e não ha ninguem que se aventure a pedir a substituição dos monarchas que são o pae estremoso dos seus subditos.

É modelo de reis constitucionaes o senhor D. Luiz, como é exemplo de rainhas e de mães a virtuosa senhora que é sua esposa. No seu officio de reinar, o augusto neto do soldado do Cerco não se tem desviado o unico ponto dos preccitos que estabelece oCodigo fundamental da nação. Que mais se poderá exigir?... Que mais queremos nós?...

Emquanto a França republicana se agita actualmente em crises politicas que pôdem perturbar a paz que reina n'aquelle grande emporio do espirito moderno, Portugal vive em socego e ordem, prosperando consideravelmente, e trabalhando para ser uma nação respeitada e feliz. Não é o systema politico que pôde contribuir para a riqueza d'um povo; nas monarchias ou nas republicas, sem patriotismo nos homens que governam, sem moralidade nos povos, sem uma educação sólida, sem o respeito á lei, nenhuma prosperidade será estavel, nenhum progresso será completo.

*

Dando hoje, na primeira pagina do nosso jornal, o retrato de sua magestade el-rei o senhor Dom Luiz Primeiro, ao mesmo tempo que lavramos a nossa profissão de fé monarchica, prestamos uma publica homenagem ao Presidente da «Real Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto».

Não nos daremos ao trabalho de escrever a biographia do illustre monarcha portuguez; a historia hade mais tarde referil-a, registrando, em caracteres de ouro, os factos gloriosos praticados pelo rei venerando, que tão bem sabe desempenhar-se do espinhoso encargo que a Providencia lhe confiou.

Nos tempos difficeis que vão correndo, a missão de governar é melindrosa e irriçada de desgostos amargos. Os homens que deveriam ser os primeiros a velar pelo respeito das leis e das instituições, são os que mais facilmente as desacatam, cedendo ás paixões que os desvairam e ás ambições que os agitam, e em Portugal, essas paixões desordenadas não poucas vezes teem magoado profundamente o rei, porque a calunnia e a intriga, armas traçoceiras dos espiritos acanhados, são empregadas n'esses combates desleaes.

No meio, porém, de todas essas agitações, o senhor Dom Luiz tem sabido manter-se dentro da esphera da legalidade, procedendo em todos os seus actos com uma cordura digna de assignalar-se. Nos ultimos tempos, especialmente, batidos pelas tempestades das luctas partidarias, o seu tino tem sabido remover todos os obstaculos, deixando desnorteados os que mais trabalham para a ruina da patria do que para a salvação d'ella.

É se como rei constitucional tem guardado fielmente a herança dos seus antepassados, como homem soube rodear-se d'um prestigio que nunca lhe poderá ser tirado.

Nas crises mais violentas que teem assolado o paiz, o senhor Dom Luiz Primeiro, com a sollicitude d'um pae estremeceado, apressa-se a valer aos desgraçados, salvando da miseria e da morte os que a desgraça flagella. Não ha muito que n'um incendio manifestado nas proximidades da Ajuda, esquecendo-se da propria vida, lançou mão d'uma escada para penetrar no interior da casa em chammas, a fim de salvar nma creancinha que dentro d'ella se achava.

Acções d'estas, só as praticam os de espirito elevado e consciencia recta.

No intuito de minorar a sorte dos desprotegidos, subsidia escolas, funda albergues, patrocina todas as tentativas honestas, e entra na habitação do indigente a enxugar-lhe as lagrimas e a livral-o do desespero.

N'esta cidade, affirmou elle toda a grandeza da sua alma, visitando fabricas e glorificando o trabalho, entrando nas escolas e elogiando os que se devotam á causa da instrucção popular. Condecorou artistas que mereceram esta distincção pelo seu comportamento, premeou a coragem de tres heroes, distribuiu esmolas valiosas, e do seu bolsinho garantiu uma pensão aos velhos batalhadores das luctas de 32, e ás viúvas que restam d'esses honrados defensores da liberdade.

Bem haja o rei que tão nobremente desempenha a sua missão.

Ao lado d'elle, a virtuosa esposa que é o Anjo bendicto do amor e da caridade, levanta-se como a imagem sublime do Bem, a espargir consolações e venturas. Onde ha lagrimas e fome, a virtuosa senhora lá apparece, no grande cuidado das mães extremas que correm a acudir aos seus filhos em perigo.

A familia real portugueza tem em verdade o respeito e a veneração dos seus subditos; quem fôr verdadeiro portuguez consagra-lhe profunda sympathia, porque vê n'ella a mais segura garantia da felicidade da patria.

CIRCO OLYMPICO DO PALACIO DE CRYSTAL

ESPECTACULO DE GALA DADO PELOS BOMBEIROS
VOLUNTARIOS DO PORTO.

Todos conhecem as vantagens que a esta cidade reportou a fundação da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, porque diariamente nos está ella dando sobejas provas do seu beneficente concurso.

Onde não ha estimulo, onde não ha incentivo, amortecem-se os desejos innatos do progresso e, longe

de se caminhar para um aperfeiçoamento mais ou menos absoluto, estaciona-se e retrocede-se, que outra cousa não é a continua permanencia nos mesmos expedientes a empregar para o desempenho d'um qualquer exercicio. Foi por isto que o serviço municipal de incendios se achava, annos atraz, estabelecido de modo a não satisfazer por forma alguma as exigencias e necessidades d'uma terra de primeira ordem, cujos importantissimos haveres eram abandonados á irrisoria e contraproducente salvaguarda d'uma companhia de bombeiros sem instrucção, sem disciplina, sem utensilios eapparelhos que a habitassem ao bom cumprimento do seu mister. Lançaram-se, pois, os alicerces para a Associação dos Bombeiros Voluntarios e logo appareceram a alistar-se n'esse grupo corajoso cavalheiros entusiastas, que trocavam espontaneamente os commodos da vida pelas agruras d'um cargo trabalhosissimo, sujeito a constantes riscos. Em favor da humanidade sacrificavam-se a si proprios, e, sem descanso, sem repouso, sem hesitações, acorriam apressadamente sempre que o seu auxilio era chamado ao combate contra o devorador elemento. D'esta maneira a iniciativa particular sobrepujava a acção do municipio, obrigando-o a reorganisar radicalmente um serviço que, até esse tempo, se assignalara por um desleixo vergonhoso e lamentavel.

Melhorada moral e materialmente a brigada de incendios da camara do Porto, os bombeiros voluntarios proseguem na sua ardua e destemida tarefa e constituem o corpo scientifico n'uma collectividade composta de homens rudes. Dotados de animo e valentia pouco communs, são elles os primeiros que nos momentos de sinistro se distinguem pela presteza no ataque, e quem então os quizer encontrar deve procural-os nos logares onde só se pôde permanecer com imminente perigo da existencia.

Compreende-se perfeitamente que uma associação como a dos bombeiros voluntarios carece de grandes meios pecuniarios para satisfazer aos seus fins. Opprimida por uma despeza enorme, não recebe subsidio algum nem mesmo das corporações que parecem directa ou indirectamente obrigadas a protegê-la, e para fazer face aos gastos que a assoberbam, conta apenas com o exiguo producto das pequenas quotas dos seus socios contribuintes. É assim que ella, diligenciando obter a totalidade da receita que lhe exigem fatalmente os seus compromissos, precisa de recorrer á bizzarria dos portuenses, promovendo bazares e festas como a de que vamos fallar; e os nobilissimos habitantes do Porto acodem sempre ao appello, porque se lembram da applicação altamente sympathica que tem os redditos d'estes divertimentos agradaveis.

*

O sarau gymnastico, acrobatico, comico e equestre, que se realisou em a noite de 11 do corrente no Circo Olympico do Palacio de Crystal, foi um dos mais esplendurosos que tem offerecido a Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios e igualou, se não excedeu, as outras festas de identico genero a que já assistiramos.

Apresentava o circo um aspecto surprehendente pela sua ornamentação profusa e variada. O tecto achava-se completamente coberto de galhardetes de diversos matizes, e do meio pendia uma grande cesta com flores. Adornavam as columnas escudos artisticamente dispostos, nos quaes se viam machados, mangueiras, capacetes e outros aparatos de bombeiro. So-

bre a porta de entrada havia-se construido de proposito a tribuna regia, forrada a sêda azul e branca, com dous espelhos ao fundo e tendo por frontal um custoso panno de velludo carmezim graciosamente apanhado; a sanefa que corria por cima da tribuna era tambem azul e branca e, sobreposta a esta, com intervallo, apparecia, mais distante, outra do mesmo estoffo e côr que o frontal, encimada por um tropheo formado com as armas nacionaes, pintadas em um escudete, e com as bandeiras portugueza e italiana. Aos lados direito e esquerdo da tribuna dous camarotes para a comitiva do rei.

Em muitos sitios avistavam-se vasos com flores e as heras entrelaçavam-se por toda a parte, vestindo inteiramente o madeiramento do circo. Ao meio do encosto de cada camarote apparecia pregado um pequeno *bouquet* de flores naturaes, como brinde ás senhoras. A arena era bordada a serrim que se estendia em correctissimos circulos e figuras, sobresahindo no centro a corôa real primorosamente desenhada.

A escada que dava accesso á tribuna real estava forrada a tapete, que se prolongava pelo atrio, e as paredes lateraes cobertas de heras. No topo da escada havia uma ante-camara com cadeiras de estoffo azul, erguendo-se do centro uma columna, ornamentada aos lados com arbustos, e da qual se desprendiam bicos de gaz.

Seguia-se a sala de descanso do rei, adornada com 5 grandes espelhos, dous ricos *étagères* e mobilia de pau preto e dourados, estofada a azul: duas estatuetas de bronze, de tres bicos de gaz cada uma, illuminavam esta sala, e os reposteiros que a limitavam da tribuna real e dos camarotes da comitiva eram, azul e branco o d'aquella, e das côres da bandeira italiana os d'estes.

O *toilette* da rainha fronteiro á ante-camara, revestido de branco, tinha sobre a meza uma *corbeille* de flores de estufa e estojos com varios objectos de marfim para uso de toucador. O lavatorio era de cambraia e setim côr de rosa e rendas, com um serviço de prata lavrada; o reposteiro de seda amarella franjado a ouro.

Na tribuna real cujo tecto se guarneceu de sêda branca, havia dous vasos de porcellana com plantas e duas estatuas de bronze com tres bicos de gaz.

Desprendiam-se a toda a volta do circo bambolins de seda azul e branca e a illuminação exterior era feita por meio d'uma grande estrella collocada sobre a porta principal.

*

Cerca das 9 1/2 horas fizeram SS. MM. e AA. a sua entrada, sendo recebidos á porta pela direcção da Associação e por alguns membros do conselho fiscal e da assembléa geral. Logo que se mostraram na tribuna, a orchestra tocou o hymno do sr. D. Luiz I, ouvido de pé por todos os espectadores, e, findo elle, o sr. dr. Correia de Barros, presidente da camara, levantou vivas ao rei, á rainha, e aos principes de Bragança, que foram ruidosamente correspondidos.

Impetrada do monarcha pelo sr. Guilherme Gomes Fernandes, valente commandante dos bombeiros voluntarios do Porto e director do picadeiro, licença para se começar o espectáculo, a banda do Palacio de Crystal executou, sob a regencia do *mestre* Alves Rente, uma marcha composta por este sr. e dedicada áquella briosa corporação, sahindo n'esse momento a publico os amadores que tomaram parte no sarau, e que se

enfileiraram em duas alas, formando semi-circulo, ao longo da arena. A marcha do sr. Rente afigurou-se nos um trabalho regular, pelo vigor da instrumentação e pelas bellezas melodicãs que encerra: descreve musicalmente, com um colorido apropriado e genuino, todos os factos que costumam succeder n'um incendio, desde o toque de rebate e o da corneta da bomba até ás lamentações dos feridos.

Quando os amadores se iam retirando, ao findar esta *ouverture* que constituiu o n.º 1.º do programma, deu-se um bonito episodio que deleitou muitas pessoas. Das galerias havia sido atirado para a arena um singelo *bouquet*, que todavia alli permanecia sem que ninguem o apanhasse. Então adiantou-se o menino José da Motta, a quem depois teremos de nos referir com louvor, e levantou-o desembaraçadamente do chão, agradecendo com um ar de innocencia encantadora. Phreneticos *bravos* e applausos calorosos rebentaram de todos os lados, e aquella esperta criança viu de repente o seus pés innumeros ramos de flores que lhe eram lançados sofregamente em homenagem á sua candida e attenciosa cortezia.

Para melhor ordem, seguiremos o programma na execução dos exercicios effectuados.

2.º—*Equilibrios nas escadas.*

Os srs. Manoel Maia, Luiz Vianna, Arthur Aragão, Arminio von Döellinger e Alberto Aranha levaram a cabo este trabalho, que á primeira vista se imagina facil, com a maxima precisão e certeza, demonstrando o muito cuidado com que o ensaiaram.

Vestiam os amadores de velludo verde com lençoulas prateadas, camisola e meias de malha.

3.º—*Arabesca.*

Uma linda egoa apresentada em liberdade pelo sr. Manoel Gomes, a quem ella obedecia docilmente em todas as evoluções que lhe eram ordenadas.

Provou o sr. Manoel Gomes que não desconhece os segredos da arte e affirmou a sua competencia como amator distincto.

A *Arabesca* trazia arreios côr de laranja e luxuoso xairel de seda branca, ornado d'um monogramma de prata em alto relevo, com as iniciaes do seu dono.

Foi justamente applaudido o sr. Gomes e recebeu os seguintes brindes:

3 *bouquets* com fitas de seda azues e brancas, sendo-lhe offerecido um pela commissão organisada para festejar os amadores, e composta, como noticiámos no nosso numero anterior, dos srs. viscondes de Alves Machado e de Villarinho de S. Romão, José Domingues Ferreira Cardoso, Julio Ferreira Girão, Manoel Ribeiro Rodrigues Forbes e Manoel Vieira d'Andrade.

1 ramo de flores artificiaes com fitas de seda brancas, côr de rosa e azues, do sr. Alfredo Anjos, de Lisboa.

1 alfinete d'ouro, para gravata, em fôrma de *bonnet* de *jockey*, da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

4.º—*Torniquete.*

Fizeram os exercicios os srs. Paulo Lauret e Arthur Aragão e os meninos Antonio da Motta e Vasco Fleming, revelando-se gymnastas abalisados os dous primeiros e manifestando os dous segundos um notavel desenvolvimento muscular, digno de apreço na idade d'elles.

O sr. Arthur Aragão recebeu da commissão do sarau um *bouquet* com fitas de seda, e da Real Associa-

ção Humanitaria Bombeiros Voluntarios um alfinete d'ouro, para gravata, em fôrma de ferradura.

Aos meninos Antonio da Motta e Vasco Fleming foram entregues igualmente *bouquets*, da commissão do sarau, e da Associação dos Bombeiros Voluntarios um alfinete d'ouro, para gravata, a cada um, representando um *bonnet* de *jockey* atravessado por um chicote.

Vestiam todos camisola e meias de malha e fatos azul escuro com froque d'ouro.

5.º—*As ocarinas.*

E' engraçada a entrada dos amadores n'este numero, com os seus trajos pittorescos de lavradores do Ribatejo. Os srs. Luiz Antunes, J. Soeiro, A. Soeiro, A. Bastos, A. Encarnação, A. von Döellinger, F. Neves, A. Felgueiras, A. Baltar Junior, R. Johnston e L. de Magalhães tocaram nas ocarinas o hymno do rei, um trecho da *Traviata* e uma polka composta pelo sr. Antunes, adquirindo geraes applausos.

O sr. Arminio von Döellinger recebeu um *bouquet* com fitas de seda.

6.º—*Beldemonio.*

Rasgando as regras da pragmatica, um estridulo explosivo de palmas annunciou o ingresso do sr. José Martins de Queiroz, que montava garbosamente em alta escola o seu cavallo *Beldemonio*.

O illustre fidalgo é unanimemente considerado como o primeiro equitador portuguez, e n'elle tem muito que aprender os *écuyers* de profissão afamados. Cavalgando com donaire e elegancia, o corcel, sob o governo do distinctissimo amator, submete-se humildemente a todas as manobras e pratica os passos mais difficultosos que se podem exhibir n'aquelle genero.

Festejou o publico calorosamente o nobre commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, arre-messando-lhe pombas e flores.

7.º—*O jockey portuguez.*

Terminou a primeira parte do programma com um volteio feito desenvoltamente sobre um cavallo em pélo pelo sr. Claudino d'Almeida, cuja agilidade e denodo tiveram o merecido premio.

8.º—*Vôos.*

E' na verdade assombroso como um amator, que ignorava até os principios rudimentares de gymnastica, pôde, n'um espaço de tempo relativamente curto, mostrar um trabalho tão difficil e para o qual se requerem dotes nada communs. A audacia e intrepidez do sr. Luiz Vianna, convenientemente encaminhadas pelo abalisado professor o sr. Paulo Lauret, superou, porém, todos os obstaculos, e estes dous cavalheiros, alcançando um completo triumpho, arrancaram os espectadores da frieza glacial que os dominara durante quasi toda a noute.

Foram cinco os vôos que o sr. Vianna fez, distinguindo-se principalmente o penultimo, em que, desprendendo-se, n'uma meia volta, do trapesio, ficou seguro sómente pelo braço esquerdo d'um outro que sustentava nas mãos o sr. Paulo Lauret. O ultimo vôo foi tambem executado com extraordinaria pericia; em *serieia* largou-se afoutamente do trapesio grande o impávido amator, indo cahir no do sr. Lauret com a maxima justeza.

Quando findaram estes trabalhos, uma prolongada salva de palmas saudou os valorosos artistas.

O sr. Luiz Vianna recebeu um *bouquet* com a seguinte dedicatória: «Aos bombeiros voluntarios do Porto, dos seus camaradas de Vianna do Castello.»

9.º—*Jogos Olympicos.*

Agradaram muito os exercicios equestres sobre

dois cavallos pelos srs. Eduardo de Souza Christino e Guilherme d'Oliveira, que vestiam de setim *granada* com lentejoulas douradas.

Ao sr. Christino foi-lhe offerecido um *bouquet* de flores naturaes e fitas de seda.

10.º—*A Percha.*

Contrahia-se a respiração ao vêr-se o menino José da Motta, filho do preclaro clinico o sr. dr. Victorino da Motta, trabalhar no cimo d'uma percha altissima que era equilibrada valentemente pelo sr. José Barrote. A ousada criança effeituou muitos manejos gymnasticos com um denodo pasmoso e uma precisão estupenda.

Por mais d'uma vez mal se podéram conter os applausos que resoavam por todo o circo, e quando o menino José da Motta desceu da percha rebentaram entusiasticas aclamações.

Recebeu um *bouquet* com fitas de seda, da commissão do sarau, e da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios um alfinete d'ouro, para gravata, representando um *bonnet de jockey* atravessado por um chicote.

Os amadores vestiam primorosamente camisola e meias de malha côr de fogo, e fatos de setim alaranjado.

11.º—*Rigoletto.*

Para quem conhece a *verve* despretenciosa e naturalissima de Carlos d'Almeida, para quem quasi diariamente assiste ao partido que elle tira do facto mais insignificante, da cousa mais trivial, esfumando tudo com uns tons de zombaria acre, é inutil dizer-se que fez rir ás escancaras, apresentando em liberdade um pequeno jumento chamado *Rigoletto*, cujas habilidades o amador enumerou n'um dialecto *hespanhol-gallego*, de invenção sua.

12.º—*As argolas.*

As pessoas que estiveram nos outros dous espectaculos anteriormente dados no Circo Olympico pela Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios viram a prodigiosa perfeição com que o sr. Mousaco, um eminente gymnasta-amador, trabalhava nas argolas. Pois os srs. Arthur Aragão e Paulo Lauret, se não conseguiram excedel-o, igualaram-o talvez.

O sr. Lauret recebeu os seguintes brindes:

Uma magnifica corôa de louros, com grandes fitas de seda, da commissão do sarau.

Um alfinete d'ouro, para gravata, em fórma de elmo, do sr. Luiz Vianna.

Um estojo contendo um tinteiro de prata com concha de madre-perola, da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios.

O sr. Lauret é digno dos maiores louvores pela parte activa que tomou no espectáculo a que nos estamos referindo: aos seus esforços, diligencia e bons conselhos se deve o magnifico resultado de muitos trabalhos.

N'este numero vestia de preto, camisola e meias de malha, bem como o sr. Aragão.

13.º—*Dragão.*

Se o sr. José Martins de Queiroz foi vivamente applaudido quando montava o seu *Beldemonio*, d'esta vez teve uma ovação delirante e entusiastica e conquistou as honras da noite. Particularmente no fim dos exercicios em que, arrancando a cabeçada ao cavallo, o dirige e faz mover sem governo, todos ficaram estupefactos diante d'aquelle cumulo de adestramento.

Damos em seguida uma relação das dadas com que o distinctissimo amador foi brindado:

Uma corôa de louros com fitas de seda franjadas, da commissão do sarau.

Uma riquissima corôa de flores artificiaes com fitas de seda, do sr. Alfredo Anjos, de Lisboa.

Um alfinete d'ouro, para gravata, em fórma de ferradura atravessada por um cravo, do sr. Guilherme Gomes Fernandes.

Uma chavena de prata para chá, dos bombeiros voluntarios do Porto.

Um alfinete d'ouro, para gravata, e um par de botões de punho, em fórma de *bonnet de jockey*, da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios.

De Lisboa foi-lhe enviado tambem o seguinte telegramma de felicitação:

«Circo do Palacio de Crystal. Ex.º sr. José Martins de Queiroz.

«Bravo! Bravo! Bravo!

*Carlos Barreiros,
Bordallo Pinheiro,
Freitas Rego.»*

14.º—*Evoluções equestres.*

Fecharam o sarau umas evoluções equestres feitas em 6 cavallos, em alta escola, pelos srs. Guilherme Gomes Fernandes, Luiz Vianna, Manoel Garrido, Eduardo Christino, A. Gama Junior e Fortunato d'Almeida.

Findas ellas, e quando a familia real se ia a retirar da tribuna, o sr. Guilherme Gomes Fernandes levantou vivas ao rei, á rainha e aos principes D. Carlos e D. Affonso.

*

Todos os amadores foram estrondosamente victoriados, recebendo, além das ofertas que noticiamos, grande quantidade de *bouquets*, pombas e flores. Durante a noite fendiam constantemente os ares centenas de passarinhos enfeitados com tiras de papel de sêda de diferentes côres.

O sr. Guilherme Gomes Fernandes, bravo commandante dos bombeiros voluntarios, e que foi infatigavel na consecução do melhor luzimento da festa, recebeu de Lisboa o telegramma seguinte:

«Ex.º sr. Guilherme Gomes Fernandes.

«Circo do Palacio de Crystal.—Porto.

«Mil felicitações.

*Carlos Barreiros,
Bordallo Pinheiro,
Freitas Rego.»*

Ao espectáculo assistiram o respeitavel inspector dos incendios de Guimarães o sr. Gualter Martins da Costa, um grupo de bombeiros voluntarios d'aquella cidade de que faziam parte os srs. Antonio Ribeiro da Costa Salgado, 2.º commandante, e Antonio de Freitas Carneiro, 1.º patrão, assim como o sr. inspector dos incendios e muitos bombeiros municipaes do Porto, o commandante dos de Villa Nova Gaya e deputações dos bombeiros voluntarios de Penafiel e Vianna do Castello.

Antes de começarem os trabalhos, a corôa real, que lavrava o centro da arena, foi respeitavelmente levantada pelos srs. Manoel Ribeiro de Faria, e Guilherme Gomes Fernandes, directores do picadeiro.

A chegada da familia real annunciou-se por uma girandola de foguetes.

S. M. El-Rei conversou muito tempo com o sr. Manoel Vieira d'Andrade, presidente da direcção dos Bombeiros Voluntarios, fazendo os maiores elogios aos amadores que tomaram parte no sarau, e dignando-se inquirir do estado e organisação d'aquella Associação benemerita.

A' porta do circo tocava a banda dos bombeiros voluntarios

Apesar da extrema elevação dos preços de entrada, não havia na casa um unico logar devoluto, e nos camarotes viam-se as primeiras damas portuenses ostentando luxuosas *toilettes*.

Pela rapida, incompleta e desordenada descripção que acabamos de fazer, vê-se que o sarau dos bombeiros voluntarios do Porto teve um lustre e sumptuosidade principesca, e que se tornou digno dos augustos personagens a quem foi offerecido.

Hurrah por essa pleiade de rapazes generosos!

Passamentos

Após um longo soffrer, exacerbado por grandes padecimentos moraes, finou-se ha dias o sr. Antonio Correia de Freitas da Silva Carvalho, litterato distincto e empregado publico dos mais honestos.

O auctor dos *Apostolos da luz* escreveu para o nosso periodico o primeiro artigo de apresentação: é por isso que ao dar noticia do seu trespasso, o *Bombeiro Portuguez* deposita uma corôa de immarcesciveis saudades na tumba d'esse que, occupando um logar elevado na republica das letras, teve sempre por timbre a honra e a maior independencia de character.

Paz á sua alma.

Falleceu tambem ante-hontem João Ferreira d'Oliveira Junior, conductor n.º 8 da bomba dos voluntarios.

Comquanto de condição humilde, cooperava n'esta grande cruzada do Bem, e tanto basta para que a sua morte seja sentida.

Os funeraes foram feitos a expensas da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

MISSA

Suffragando o passamento do sr. Manoel Alves do Souto, barão do Corvo, a corporação dos bombeiros municipaes de Villa Nova de Gaya manda celebrar hoje, no templo de Santa Marinha, uma missa de requiem, a que a mesma corporação assiste, devidamente uniformizada, bem como um piquete de bombeiros voluntarios e outro de municipaes d'esta cidade.

Do sr. José Martins de Queiroz, digno commandante dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães:

Sr. redactor.

Vendo-me forçado a partir repentinamente para Guimarães, sem poder agradecer pessoalmente a todos os cavalheiros que tão distinctamente me obsequiaram, quer no sarau em que exhibi os trabalhos equestres dos meus cavallos *Dragão* e *Beldemonio*, quer durante a minha permanencia n'esta cidade, vou rogar-lhe a fineza de ser o interprete do meu vivo reconhecimento para com todos esses cavalheiros, especializando muito particularmente a benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, seu dignissimo commandante e mais membros da direcção.

Pela inserção d'estas linhas e pela amabilidade com que v. se dignou apreciar os meus trabalhos, se confessará eternamente reconhecido quem tem a honra de ser

De v. etc.,

Porto, 14 de agosto de 1882.

José Martins de Queiroz.

Chronica quinzenal

Narrar as festas realisadas em honra do rei, que foram o assumpto pelo qual os jornalistas politicos e noticiosos se estenderam durante alguns dias em quatro e mais columnas das suas gazetas, não é cousa facil para um insignificante que, por não ser commendador, nem gran-cruz, nem visconde, nem fardalhão, viu só aquellas para que se não exigia bilhete de convite.

Que poderemos dizer nós, que do jantar da camara divisamos apenas o *menu*, do banquete do paço a descripção dos diarios de grande formato, e que fomos obrigados a assistir desde a porta do Suisso á tal revista militar, em vez de ostentarmos a nossa rabona e o nosso chapéo de côco na barraca da Associação liberal ao lado das nobilissimas damas do Porto ou de qualquer Magdalena arrependida?

Aos festejos populares decerto compareceu o leitor e, por isso, não lhe damos novidade alguma affirmando-lhe que as illuminações foram deslumbrantes, que a dynamite subiu de preço pelo muito consumo que teve na manufactura dos productos pyrotechnicos, que o hymno do sr. D. Luiz 1.º foi rasoavelmente estropeado por todas as charangas, e que o contador da companhia do gaz accusa no gazometro um elevadissimo grau de entusiasmo expresso em metros cubicos.

Note-se que não fallamos na massada do 29 ou *Honra e gloria* pregada pela empreza do theatro Principe á familia real, nem na repetição da comedia *Os Intimos* com que a companhia do Baquet *deliciou* os monarchas portuguezes no S. João. A lembrança de taes espectaculos horrorisa-nos, e sómente pasmamos diante da bondade e bonhomia do rei e da côrte, que ainda aturam tudo quanto o cretinismo indigena lhes impinge. Se nós estivessemos no logar d'elles... Paremos aqui.

A Associação Commercial do Porto solemnisou a vinda do soberano d'um modo mais perduravel e proficuo — exercendo o sublime preceito da caridade. Entendeu a classe mercantil, e muito bem, que devia ma-

nifestar o seu regosijo indo soccorrer aquelles que a desventura ferira desapidadamente. Honra lhe seja.

O chefe do estado praticou tambem um acto a que não podemos regatear louvores. Referimo-nos á pensão concedida do bolso particular de S. M. aos veteranos que desembarcaram na Arenosa de Pampelido. Fustigando a incuria dos seus ministros, o sr. D. Luiz saldou—ainda que incompletamente—a divida aberta com esses bravos heroes.

*

* *

Os criticos theatraes de Lisboa deliram. O do *Journal da Noite* escrevia ha dias que «tinham sido applaudidos todos os interpretes do *Fausto*, com especialidade de *mademoiselle Romeldi*, uma formosa rapariga e uma *excellente* cantora.»

Hum! Tanto elogio!

Vá que a *signorina Romeldi* seja uma formosa rapariga, mas se o collega a acha uma *excellente* cantora, que dirá da Patti, da Nilson, da de Reszké?

Passam á cathogoria de *excellentissimas*?

E eis como se escreve a historia, ou antes, como se faz a critica.

Depois d'isto só esperavamos lêr que a contralto Pergolani, que no Porto não foi pateada por excessiva benevolencia, estava poucos furos abaixo da Biancolini e o folhetinista, aliás intelligente, da *Revolução de Setembro* encarregou-se de nos attender, nas seguintes palavras:

«Ainda n'esta opera (o *Trovador*) foi desempenhado o papel de Agucena d'um modo distincto e digno de applauso por uma intelligente cantora que não tem grande voz, mas é muito melodiosa (ai!) e afinada e que sabe perfeitamente estar em scena.»

Decididamente os jornalistas de Lisboa tem algão em rama nos ouvidos. E' preciso desentupil-os.

*

* *

THEATRO PRINCIPE REAL

A companhia italiana de opera-comica que em Lisboa obteve no Colyseu dos Recreios um exito tão lisongeiro, funcionou aqui durante a primeira quinzena do mez, cantando o *Boccacio*, *Il Duchino*, *Le Campane di Corneville*, *La Marina*, *La Figlia di Madama Angot*, *Lo Scacchiere della Regina*, um acto do *Il Nuovo Orfeo all'inferno* e outro da *Orgia*.

Compõem a *troupe* artistas de merecimento e um grupo de coristas que atrahiu a attenção dos *conquistadores*, crêmos que pela plastica das fôrmas e pela facilidade com que cediam aos galanteios licenciosos.

A/sr.^a Rosselli, além de ser uma gentilissima actriz, tem uma voz de soprano pastosa, extensa e muito agradável; canta com notavel correção e sobretudo fascina pela fina graça com que sublinha todas as phrases.

Soave, já nossa conhecida, ouve-se com prazer... a olhos fechados.

Entre os homens especialisaremos L. Poggi, um comico apreciavel, e G. Bianchi.

O *Boccacio*, opera-comica de Franz de Suppé, agradou muito no Porto pela originalidade da musica, recamada de melodias. Tem trechos brilhantes e delicadissimos, outros d'um genero de harmonia inteiramente novo, como o terceto burlesco do 1.^o acto, acompa-

nhado a guarda-sol e ainda o côro do 2.^o acto, em que o ruído dos martellos batendo sobre as barricadas se combina n'uma consonancia admiravel com as bellezas da instrumentação.

A companhia, segundo pensamos, não fez fortuna: trouxe um repertorio pouco variado e, se exceptuarmos o *Boccacio* e *Il Duchino*, as restantes operas-comicas foram mediocrementemente cantadas.

—Estão fechados todos os theatros do Porto; as noutes passam-se n'uma monotonia soporifera, entre os dialogos arrastados no Suisso e o aborrecimento das diversões burguezas ao ar livre duas vezes por semana.

Que o incansavel Garraio pense n'isto e volte aos penates com a sua companhia, que se banha actualmente nas salsas aguas da Figueira da Foz.

*

* *

Uma formosa joven entra n'uma loja de modas com sua avó e pergunta a um rapaz elegante que se perfila por detraz do mostrador.

—A como é esta seda?

O negociante olha descaradamente para a interlocutora e responde:

—A baixo o metro.

—Convém-me: dê-me 10 metros; minha avó é quem paga.

Cumulos:

O da habilidade n'um jardineiro — *Cultivar flores de rhetrica*.

O do gosto pela caça — *Matar a ursa maior*.

14 d'agosto.

Iberus.

Publicações recebidas

Agradecemos aos seus auctores ou editores as seguintes publicações:

O Ze Povinho. — Semanario humoristico; publica-se aos domingos, e assigna-se na redacção, rua de Santo Ildefonso n.º 394. Porto. — Por anno 500 réis.

A Vida Moderna. — Folha illustrada de vulgarisação scientifica e de conhecimentos uteis; assigna-se na rua do Almada n.º 266—Porto.

O Camões. — Semanario popular illustrado; assigna-se na Praça de D. Pedro n.º 131—Porto.

O Sorvete. — Semanario illustrado por Sebastião Sanhudo e redigido por Braz de Paiva; assigna-se na rua do Laranjal.—Porto.

O Julio Diniz. — Publicação semanal; assigna-se na rua das Condominhas n.º 210, em Lordello do Ouro.—Porto.

Perfilis artisticos. — Gazeta musical de Lisboa, N.º 24 e 25 do 1.^o anno respectivamente illustrados com nitidos retratos de Herminia Borghi-Mamo e Luiza Rosselli. Esta interessante publicação assigna-se na rua do Ouro n.ºs 267 e 269.—Lisboa.

A Verdade. — Jornal politico. Editor, Alfredo Monteiro. Redacção, Travessa da Sé—Loanda.

O Constructor. — 3.^a série. 1882. Numero 4. Publicação mensal destinada especialmente aos conductores de Obras Publicas e em geral aos constructores e industriaes. Esta utilissima publicação subscreve-se na rua dos Calafates n.º 94, 1.^o andar.—Lisboa.

Revista da Sociedade de Instrução do Porto. — N.º 6 e 7.—Junho-Julho de 1882.—Segundo anno.

Para se julgar da importancia d'esta publicação editada por o gremio mais prestimoso dos nossos dias e que mais poderosamente tem affirmado a sua iniciativa, damos em seguida

o summario dos dois numeros que temos presentes:—N.º 6—Discurso inaugural da Exposição das industrias caseiras, por A. de la Rocque—Noticia e informação acerca do estado actual da industria das rendas de Peniche, por P. C. de Carvalho Figueira—Catalogue des insectes du Portugal (cont.), pelo conselheiro dr. Manoel Paulino d'Oliveira—Cartas sobre a educação da Mocidade (cont.), por Antonio Nunes Ribeiro Sanches—O ensino primario e a aprendizagem dos officios (conclusão), por Joaquim de Vasconcellos—Os progressos da electricidade (cont.) por Bento Carqueja.—N.º 7.—Discurso do presidente da Sociedade na solemne distribuição de premios das industrias caseiras—Exposição de ceramica, plano e relatorio da respectiva commissão—Cartas sobre a educação da mocidade (cont.), por Antonio Nunes Ribeiro Sanches—Catalogue des insectes du Portugal (cont.) pelo conselheiro dr. Manoel Paulino d'Oliveira—Fetos lusitanicos em geral e dos suburbios do Porto em especial (cont.), por M. J. Felgueiras—Receita e despeza da Sociedade em 30 de junho de 1882.

Moda Illustrada.—N.º 86 com o seguinte summario:

GRAVURAS:—Dois vestuarios para casino.—Manta de pescoco.—Tira bordada.—Guarnição bordada.—Entremeio.—Canto e fronha de almofada.—Bordado sobre tulle, para toalha de altar.—Tira bordada a troçal sobre setim.—Chapeu Rembrandt e mantilha de renda e seda.—Seis modêlos de chapéus.—Vestuario preto (frente e costas).—Vestido para casa (frente e costas).—Duas guarnições para lenços.—Peitilho maravilhoso.—Quatro botões.—Duas ligas para meias.—Costas dos vestuarios das gravuras coloridas.—Duas tiras de tapessaria.—Charuteira bordada sobre couro.—Quatro modêlos de colletes.—Tres modêlos de tournures.—Saia Silvia.—Saia Jersey.—Mantilha charpa.—Mantilha de froculo.—Mantilha de renda.—Estojo para frascos de essencias.—Tira bordada.—Guarnição bordada.—Mantelete de rendas.

SUPPLEMENTOS:—Figurinos coloridos.—Folha de moldes e debuchos.—Passatempos.

ARTIGOS:—Correio da Moda.—Sob os lilazes.—De relance.—Entre-actos.—Romance da moda.—Livros novos.—Passatempo.

Cada n.º da *Moda Illustrada* consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, de uma folha de moldes e de um figurino colorido. Além d'isso dá minuciosas descrições de todos os figurinos, sendo portanto muito superior aos jornaes francezes.

Assigna-se na Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 40 a 52—Lisboa.

As Aguas Sulfurosas de Vizella.—Estatistica medica do estabelecimento thermal e hydrotherapico de Vizella, 1881, por Abilio da Costa Torres, pamphleto onde evidentemente se demonstra a importancia d'estas aguas.

Relatorio e contas da Direcção da Sociedade Nova Euterpe.—Gerencia de 22 de Março a 30 de Junho de 1882. Deprehende-se da sua leitura que a Sociedade Nova Euterpe, caminha florecente e portanto bem administrada.

Já-Já.—Polka para piano por Manoel Benjamin, offerecida pelo auctor, de incontestaveis meritos, ao Bazar dos Bombeiros Voluntarios do Porto e executada no seu espectáculo de 27 de agosto de 1880 no theatro Gil-Vicente, do Palacio de Cristal. A' venda na casa editora de musicas do sr. Costa Mesquita, Rua do Sá da Bandeira n.ºs 94 a 96. Porto.

Arte de aprender a nadar em menos d'uma hora.—Versão do francez por Henrique Marinho. Este utilissimo opusculo encontra-se á venda na livraria Civilização, editora, rua de Santo Ildefonso n.ºs 8 e 10, Porto, por um preço mais modico possivel.

O Bombeiro Portuguez annuncia todas as publicações litterarias de que lhe for enviado um exemplar.

Espectaculos

VIANNA DO CASTELLO

Circo Olimpico, na Praça de D. Fernando. Nos dias 18, 19 e 20 d'agosto de 1882, tres grandes espectaculos

gymnasticos, acrobaticos, comicos e equestres por amadores, promovidos pelos socios activos da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Vianna do Castello, em beneficio do cofre da mesma Associação e das obras do Theatro Novo.

Os numeros de que se compõem os espectaculos são os seguintes:

Grupos e posições nas escadas—Barra fixa—Duplo trapézio—Os dous hercules, trabalho equestre—Percha—Trapézio simples—Voadores—Argolas—Jogos Icaricos—Volteio, trabalho equestre—Forças—Intermedios comicos—Occarinistas do Ribatejo.

Espera-se que os ex.^{mos} srs. José Martins de Queiroz e Manoel Gomes se dignarão honrar os espectaculos, apresentando aquelle os seus notaveis trabalhos d'equitação e este um cavallo em liberdade.

Tomam parte nos espectaculos os seguintes cavalheiros: Guilherme Gomes Fernandes, Arminio von Doellinger, Luiz da Terra Pereira Vianna, José Rodrigues Barrote, Guilherme d'Oliveira, Eduardo Christino, Antonio Joaquim da Encarnação, Adolfo Felgueiras, Roberto Souza Johnston, Lourenço de Magalhães, Carlos d'Almeida, Claudino d'Almeida, Luiz Antunes, Joaquim Antonio de Moura Soeiro, Alvaro Soeiro, Antonio José Baptista Junior, Francisco Almeida Neves, Antonio Balthar Junior, da cidade do Porto.—Paulo Lauret, professor de gymnastica, Gregorio Rolla, Antonio José Pinho, Manoel Francisco de Campos, Antonio da Costa Faria, Vasco Fleming Miller, Alfredo Araujo Sequeira, Antonio Victorino da Motta, José Victorina da Motta e Arthur Pinheiro Aragão, *alumnos do collegio de S. Lazaro.* Adriano Felgueiras d'Amorim, Antonio da Gama Pimenta, Manoel Maria Duarte de Carvalho, José Vellozo de Carvalho, José Affonso Lomba, José Augusto dos Santos, Augusto d'Azevedo Araujo e Gama, de Vianna do Castello.

Os espectaculos começarão ás 5 horas da tarde, e os programmas serão distribuidos nos proprios dias.

PREÇOS

CAMAROTES, com 6 entradas n.ºs *impares*, 5\$000, 4\$500, 4\$000, 3\$500; n.ºs *pares*, 4\$500, 4\$000, 3\$500, 3\$000 rs. CADERAS, 600 rs. SUPERIOR, 1.ª e 2.ª fila, 500 rs. *Galeria numerada*, sombra, 400 rs. Sol, 300 rs. *Galeria não numerada*, sombra, 200 rs. Sol, 100 rs.

Quem desejar marcar logares pôde fazel-o na CASA HAVANEZA, á Praça da Rainha, até ao dia 8 d'agosto.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	350 réis
Semestre	700 »
Anno	1\$400 »

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	1\$200 »
Anno	2\$400 »

Escriptorio, rua da Rainha n.º 95.

TYPOGRAPHIA

DE

ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO

74—LARGO DE S. DOMINGOS—74

PORTO

Esta já bem conhecida typographia acaba de ser consideravelmente augmentada com grande variedade de typos communs e de phantasia, não só de fundições nacionaes como estrangeiras, e por isso pôde executar com a maior nitidez todos os trabalhos concernentes a mesma.